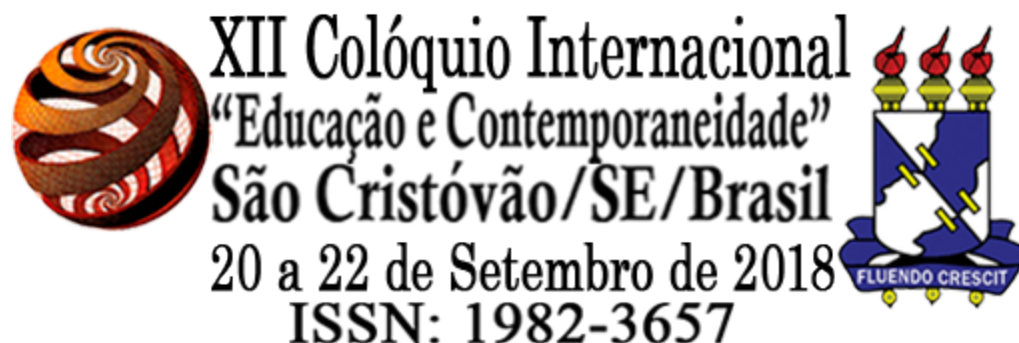




Recebido em:
04/08/2017
Aprovado em:
05/08/2017
Editor Respo.: Veleida
Anahi
Bernard Charlort
Método de Avaliação:
Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi:

A MULHER NA ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA: INCUBAÇÃO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA “SABORES DO QUILOMBO”

ANA REGINA MESSIAS

EIXO: 1. EDUCAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS

RESUMO

A economia solidária é uma forma de produzir oposta ao capitalismo e se baseia em iniciativas de solidariedade e cooperação entre seus membros, como forma de resistência ao modo de produção capitalista e na tentativa de gerar trabalho e renda para uma parcela de excluídos. Objetiva-se com este artigo, apresentar ponderações a respeito do processo de incubação de mulheres – Sabores do Quilombo – reunidas em grupo, que produzem e comercializam alimentos em uma das cantinas do *campus* da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). O método utilizado será estudo de caso, no qual será feita revisão bibliográfica com leituras de obras estudadas no grupo de pesquisa e em sala de aula da disciplina “Educação, Gestão e Desenvolvimento Local e Sustentável” e, serão apresentadas perguntas e respostas de entrevista aplicada com as mulheres em estudo, enquanto instrumento de coleta de dados e informações. A incubação em estudo ainda está no início, porém é possível perceber o quanto o processo de incubação esta dando bom resultado para o grupo dessas mulheres, as quais, por meio da economia popular e solidária estão ligadas à construção de uma sociedade mais democrática e justa, agindo como seres conscientes, livres e socialmente inseridos em dinâmicas de vida.

ABSTRACT

Solidarity economy is a form of production opposed to capitalism and is based on initiatives of solidarity and cooperation among its members, as a form of resistance to the capitalist mode of production and in the attempt to generate work and income for a portion of the excluded. The objective of this article is to present some considerations about the incubation process of women - Sabores do Quilombo - grouped together, who produce and commercialize food in one of the campus canteens of the Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). The method used will be a case study, in which a bibliographical review will be done with readings of works studied in the research group and in the classroom "Education, Management and Local and Sustainable Development", and will be presented questions and answers of applied interview With the women in study, as an instrument for collecting data and information. The incubation in study is still in the beginning, but it is possible to perceive how much the incubation process is giving good result for the group of these women, who, through the popular and solidarity economy are linked to the construction of a more democratic and just society , Acting as conscious beings, free and socially inserted in dynamics of life.

1 INTRODUÇÃO

A Economia Popular e Solidária (EPS) se baseia em iniciativas de solidariedade e cooperação entre seus membros, como forma de resistência ao modo de produção capitalista e na tentativa de gerar trabalho e renda para uma parcela

de excluídos.

A economia solidária é uma forma de produzir oposta ao capitalismo, uma vez que suas iniciativas:

[...] buscam a construção de uma alternativa superior ao capitalismo, construída no dia-a-dia de trabalhadores e trabalhadoras de diversas partes do mundo que, com a teimosia de não aceitarem um destino de miséria dado como certo e inalterável, constroem sua história ensejando, nesta mesma dinâmica, a própria transformação da história. (SOUZA, 2011, p. 67).

Assim, os que compõem a EPS resistem, se indignam com as práticas que compõem o capitalismo, uma vez que o confrontam ao construir sua história, buscando transformar a história, na construção de uma sociedade mais justa.

Souza (2011, p. 68) ainda diz que “as práticas, princípios e valores que fundamentam a economia solidária [...] representam formas mais justas de distribuição das riquezas nas sociedades”.

Os que seguem os princípios básicos da EPS tornam possível a união entre si, privilegiando-se os ideais de solidariedade e igualdade, uma vez que dão exemplo de propriedade coletiva e de direito à liberdade do indivíduo, pois a solidariedade na economia pode ser viável ao ser organizada de forma igual por aquele que se associa com o intuito de produzir, comerciar, consumir ou poupar.

Segundo Paul Singer (2008, p. 289) a economia solidária é:

[...] um modo de produção que se caracteriza pela igualdade. Pela igualdade de direitos, os meios de produção são de posse coletiva dos que trabalham com eles – essa é a característica central. E a autogestão, ou seja, os empreendimentos de economia solidária são geridos pelos próprios trabalhadores coletivamente de forma inteiramente democrática, quer dizer, cada sócio, cada membro do empreendimento tem direito a um voto. Se são pequenas cooperativas, não há nenhuma distinção importante de funções, todo o mundo faz o que precisa. [...]. É o inverso da relação que prevalece em empreendimentos heterogestionários, em que os que desempenham funções responsáveis têm autoridade sobre os outros

Assim, com uma economia solidária a sociedade seria muito menos desigual, pois como diz Paul Singer (2004, p. 9) a associação entre iguais, em vez do contrato entre desiguais, é a chave da proposta da Economia Popular e Solidária. Este autor acrescenta que:

Para que tivéssemos uma sociedade em que predominasse a igualdade entre todos os seus membros, seria preciso que a economia fosse solidária em vez de competitiva. Isso significa que os participantes na atividade econômica deveriam cooperar entre si em vez de competir.

No processo de construção da Economia Popular e Solidária, grupos de mulheres têm se organizado no Brasil. Neste contexto, objetiva-se com este artigo, apresentar ponderações a respeito do processo de incubação de mulheres, reunidas em grupo, que produzem e comercializam alimentos em uma das cantinas do *campus* da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Pretende-se responder ao questionamento: Como se dá o processo de incubação das mulheres do grupo produtivo Sabores do Quilombo quanto aos princípios da autogestão, solidariedade, ação econômica e cooperação

O Método utilizado será estudo de caso, no qual será feita revisão bibliográfica com leituras de obras estudadas no grupo de pesquisa e em sala de aula da disciplina “Educação, Gestão e Desenvolvimento Local e Sustentável” e, serão apresentadas perguntas e respostas de entrevista aplicada com as mulheres em estudo, enquanto instrumento

de coleta de dados e informações.

2 A MULHER E A ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA

As distintas categorias em que vivem homens e mulheres são originadas pelas construções sociais e econômicas, as quais causaram uma relação social de sexo. No mundo do trabalho é possível observar essas diferenças por meio da divisão sexual do trabalho e as relações de gênero são sustentadas e estruturadas por esta divisão sexual do trabalho, porém, o trabalho masculino é mais valorizado que o feminino.

Historicamente, os homens são os provedores da família, embora as obrigações familiares estejam sob a responsabilidade das mulheres e, tanto as empresas como o poder público são coniventes com esta composição social e econômica, com o intuito de fazerem com que as mulheres renunciem a um trabalho formal para cuidar da família.

Assim, segundo Guérin (2003) a EPS aparece para ocupar espaços não solucionados pelo mercado, pelo poder e pelo modo de produção capitalista, como: o desemprego, a exclusão social, econômica e política, a insegurança alimentar, o acesso à educação e saúde etc.

A EPS está ligada à construção de uma sociedade mais democrática e justa, podendo defender uma concepção de trabalho que potencialize as capacidades dos indivíduos como seres conscientes, livres e socialmente inseridos em dinâmicas de vida coletiva e solidária, pois essa economia tem despontado como um meio importante para o processo de sociabilidade, por criar um espaço para a interação democrática e equitativa, apontada pelo diálogo e pelos processos emancipatórios e criativos (TEODÓSIO; MUNDIM, 2011, p. 280).

Como descreve Singer (2004, p. 47), a EPS, “é uma forma democrática e igualitária de organização de diferentes atividades econômicas”, ou seja, é uma forma de organização econômica, que abraça os valores da democracia no contexto econômico, tendo como base o trabalho coletivo, a igualdade entre os membros, a divisão do poder de decisão, direitos iguais diante de decisões, fidelidade na representatividade do grupo, tendo como elementos centrais a igualdade e a democracia.

A Economia Popular Solidária, por se tratar de uma organização que preza a solidariedade e cooperação entre seus membros, apresenta-se como uma probabilidade de que as diferenças de gênero sejam superadas, podendo as mulheres fazer valer seus direitos, uma vez que elas sozinhas e/ou com os homens podem se engajar e superar desigualdades sociais, transformando-as em direitos reais.

Ainda em relação às questões de gênero,

Outro desafio importante do Movimento da Economia Popular Solidária é debater e proporcionar a mudança cultural não só nas relações de trabalho, mas também partilhar entre mulheres e homens as necessidades do cuidado com o outro [...]. (BERNADI; ANGELIN, 2007, [s.p.]).

Corrêa (2001, p. 1) afirma:

O sentido do termo solidariedade [...] não se mescla ao paternalismo, caridade ou filantropia, mas sim ao comprometimento do trabalho coletivo, cooperativo, comunitário, comprometimento este que perpassa por uma nova ética nas relações humanas, nova ética nas relações laborais, econômicas e comercial.

Assim, a mulher inserida na EPS percebe o sentido do termo solidariedade, não o combinando a termos como paternalismo, caridade ou filantropia, mas ao comprometimento do trabalho coletivo, cooperativo, comunitário, demonstrado pelas mulheres do processo de incubação desta pesquisa. Às quais a EPS contribui de formas como: aliviar o cotidiano, pois elas articulam a vida familiar com a profissional; ao atuar no trabalho solidário, as mulheres têm

espaços de discussão para apresentar reclamações/reivindicações, pressionar para a criação de políticas públicas de gênero e dessa forma contribuir para mudanças sociais e institucionais favoráveis a elas; acesso a créditos; emancipação financeira.

3 A COMUNIDADE SABORES DO QUILOMBO

A Sabores do Quilombo está situada no semiárido baiano na Comunidade Quilombola Lagoa Grande, Distrito de Maria Quitéria-Feira de Santana, no Território de Identidade Portal do Sertão-Bahia.

E o como nos dizem Nunes, Santos e Barreto (2015, p. 184):

O semiárido baiano é, sem dúvida, um dos roteiros principais, palco de batalhas e conquistas, portal de entrada, transição, agreste, mas doce como umbu. Essa complexa realidade postula uma identidade em cada município, em cada povoado, identidades próprias, de resistências percebidas entre eles.

O nome da comunidade é atribuído a uma lagoa de aproximadamente 6 km, que existiu durante muitos anos, que fornecia água para os habitantes do local sua fauna de diversas espécies servia como alimento para a população (MENDONÇA, 2014). Com o passar dos anos, porém, a lagoa foi sendo degradada e o que existe atualmente é apenas um espelho d'água, porque o solo não retém mais a água.

Quanto à origem dos quilombolas da Lagoa Grande, diz nos Mendonça (2014, p.98) que logo após a abolição da escravidão, entre os anos de 1900 a 1911,

Três irmãos, dentre eles Luís Pereira dos Santos, foram morar na Lagoa Grande. Esses irmãos desbravaram o lugar, saindo das origens de Matinha dos Pretos e, após se apossarem de uma parcela de terra propícia ao plantio e com água potável, eles decidiram residir naquelas terras conhecidas por Lagoa Grande.

Porém, conforme é relatado na Biblioteca Virtual Consuelo Pondé (on-line), há outra versão que explica a mudança desses irmãos para o local, ou seja:

[...] certo fazendeiro que se havia apoderado das terras da Lagoa Grande - visto elas serem terras devolutas ou da Igreja Católica do São José (por volta do 1900) – solicitou-lhes que viessem da Matinha dos Pretos para "tomar conta" daquelas terras, para virarem cuidadores da propriedade rural, e ali se instalaram e formaram suas famílias.

Ainda na Biblioteca é relatado que com a construção da BR 116 Norte, a área contínua das terras foi separada, modificando a dinâmica de relações entre comunidades de um lado e do outro, isso, porém, se deu sem prejudicá-las. E,

Os vínculos simbólicos e de parentelas entre os territórios das comunidades quilombolas Matinha e Lagoa Grande – as comemorações de nascimento e falecimento, casamentos entre moradores de ambas as comunidades; a participação nas festas comunitárias; as celebrações religiosas e também as visitas aos parentes – não acabaram.

Assim, antes da organização da comunidade de Lagoa Grande, alguns dos seus moradores residentes nas localidades de Cerrado, Balagão e Candéal, resolveram se instalar em Lagoa Grande para (re)construir suas famílias, uma vez que encontraram terra e água em abundância (BIBLIOTECA..., on-line).

A história sobre o processo de acesso às terras da comunidade quilombola Lagoa Grande é longa e extensa. por meio

de luta pelo direito aos recursos naturais, como água, terra e demais direitos sociais, pois os aspectos agrários e rurais persistem nas suas formas de trabalho, como sujeitos do campo.

3.1 INCUBAÇÃO DE GRUPO DE MULHERES DA SABORES DO QUILOMBO

Como dito acima, um grupo de mulheres do grupo produtivo Sabores do Quilombo, situado na Comunidade Quilombola Lagoa Grande, sob os princípios da autogestão, solidariedade, ação econômica e cooperação, encontram-se em um processo de incubação por meio da Incubadora de Iniciativas de Economia Popular e Solidária.

O processo de incubação em estudo é realizado no município de Feira de Santana, em uma das cantinas da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), por meio do Projeto Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP) da UEFS, consolidado por meio da resolução CONSEPE 150/2010; o qual, em sua Carta de Princípios:

Constitui-se em um programa interdisciplinar de caráter permanente, desenvolvido por servidores, docentes e técnicos administrativos, e discentes da UEFS, com possibilidade de participação da comunidade externa, por meio de projetos de extensão e ou pesquisa e outras atividades de caráter continuado junto à comunidade externa, no âmbito da economia popular e solidária.

A IEPS-UEFS deve trilhar um caminho de diálogo potencializador da resistência e de experiências voltadas à consolidação de um novo modo de produção e organização do trabalho e da sociedade, dando ênfase à mobilização e fortalecimento das organizações sociais que trabalham de modo coletivo, cooperativo, associativo e autogestionário considerando a economia popular e solidária enquanto movimento de economia política dos setores populares.

Assim, a UEFS busca atuar conforme o dito por Mutim (2007, p. 118) de que cabe:

[...] à Universidade desenvolver uma ação pedagógica para apoiar a Gestão Social do Desenvolvimento por meio da formação dos agentes de desenvolvimento, que são aqueles que buscam provocar mudanças estruturais no modelo de desenvolvimento, tornando-o mais justo e solidário.

Este estudo se justifica, por ser o município de Feira de Santana um dos que mais cresce economicamente no Estado da Bahia. Paradoxalmente, este crescimento não é usufruído por uma parcela significativa da população com baixa qualificação profissional, particularmente, da faixa etária ingressante no processo produtivo, pessoas com idade avançada, além de analfabetos e semialfabetizados que são obrigados, por não haver outra opção, a participarem das Feiras Livres espalhadas por toda parte da Cidade, permanecendo por longos períodos às margens do crescimento e desenvolvimento econômicos, reproduzindo-se a revelia dos benefícios governamentais e mercadológicos que uma economia dessa natureza poderia proporcionar (MESSIAS; LIMA, 2015).

Segundo Mutim (2007, p. 115):

A construção de sociedades sustentáveis tem como pressuposto o alcance de metas também previstas para o desenvolvimento local sustentável. São elas: a) satisfação das necessidades básicas da população; b) solidariedade para com as gerações futuras; c) participação da população envolvida; d) preservação dos recursos naturais; e) elaboração de um sistema social que garanta emprego, segurança social e respeito a outras culturas; e f) efetivação dos programas educativos e culturais que apóiem a sociedade a buscar

soluções para os conflitos socioambientais vivenciados.

Portanto, uma vez que Feira de Santana carece de programas e iniciativas que busquem não somente o crescimento econômico, mas também alcance metas para o desenvolvimento local sustentável a consolidação de oportunidades que possibilitem a inserção socioproductiva desses grupos marginalizados surgiu o processo de incubação por meio da IEPS/UEFS. Inicialmente houve o processo de incubação de um grupo na Cantina do Módulo VII da UEFS, iniciado no ano de 2008, após a realização de cursos, reuniões e entendimentos diversos com as mulheres da Cooperativa COOPERMASOL e o término se deu em dezembro de 2014.

Cabe ressaltar, como diz Santos (2002, p. 15) “[...] as cooperativas surgem como alternativas de produção fáticas e plausíveis, a partir de uma perspectiva, porque estão organizadas de acordo com princípios e estruturas não capitalistas e, ao mesmo tempo, operam numa economia de mercado”.

Com essas iniciativas na UEFS são criados “espaços econômicos em que predominam os princípios de igualdade, solidariedade [...]” (SANTOS, 2002, p. 7). Assim, a partir de 2016 a IEPS da UEFS programou, no espaço de alimentação Cantina do Módulo I, o segundo projeto de Incubação de Iniciativa Econômica Popular Solidária que trabalha com alimentação, especialmente, lanches, a maioria deles com produtos da culinária regional como: cuscuz, mingau de tapioca, bolo de aipim, beiju, entre outros.

Alimentos esses comercializados entre o público interno da comunidade universitária, composto de professores, funcionários e estudantes, em parte, pela sua natureza de esclarecimento, apreciam o consumo consciente de produtos e serviços da EPS possibilita potencializar um espaço integrado de aprendizagem na perspectiva do trabalho coletivo, cooperação, solidariedade, associação entre outros princípios, visando o desenvolvimento de ações de capacitação profissional, empoderamento dos sujeitos, com vistas à inserção socioproductiva e à promoção da cidadania aos participantes de iniciativas municipais de EPS no âmbito da comunidade universitária (MESSIAS; LIMA 2015).

4 PONDERAÇÕES E RESULTADOS

Durante o processo de incubação, ora em curso, buscar-se-á analisar os resultados alcançados com base na maneira como a Economia Popular e Solidária pode influenciar, modificar e gerar melhorias na vida daquele grupo de mulheres que compõe o grupo produtivo Sabores do Quilombo, com atuação de incubação na cantina do módulo I da Universidade Estadual de Feira de Santana, cuja “organização econômica solidária está pautada na gestão coletiva [...], atingindo o controle e a administração do capital” (COSTA; OLIVEIRA; MELO NETO, 2006, p. 61).

Dagnino e Fonseca (2007, p. 20), dizem que:

As incubadoras devem passar a atuar também como agentes de desenvolvimento local. Este entendido como um processo que mobiliza pessoas e instituições, buscando a transformação da economia e sociedades locais e criando oportunidades de trabalho e renda.

É o que acontece com a incubação tratada neste estudo, uma vez que o grupo de mulheres vem demonstrando o efeito positivo obtido na atuação na EPS. E, por meio da entrevista com questões relacionadas com a experiência delas, grupo realizada pela equipe da Incubadora é possível perceber como elas se posicionam e como está sendo o processo de incubação para a vida de cada uma delas. Assim, da entrevista foram escolhidas seis questões e respostas de quatro das doze componentes do grupo, descritas a seguir.

10 trabalho com o grupo da cantina tem sido diferente de outras experiências de trabalho anteriores Como

A. Com certeza. Porque é várias cabeças é... Diferentes. Acho que é isso.

A. Totalmente. Por exemplo, eu já trabalhei em grupo, trabalhei com o pessoal da... quando eu trabalhava como

vendedora de confecções não era só eu, era um grupo, mas um grupo que fazia o que o patrão mandava e ali às vezes a gente faz o que a gente quer.

B. É muito bom, muito maravilhoso, esses dias sem trabalhar fez muita falta.

D.É sim por que lá na cantina não temos patrão mandando na gente, todo mundo é dono, todo mundo manda.

2Que tipo de efeito o trabalho com o grupo da cantina pode ter em sua vida (autonomia, renda etc.)

A.Autonomia, a renda também faz parte, mais autonomia de você trabalha em um grupo que todo mundo é patrão, todo mundo pode opinar, todo mundo pode tipo tomar decisões em termo... No coletivo entendeu

A. Tipo de efeito Oh, eu acho que, eu acho, que esse grupo veio pra mim aprender... a trabalhar com pessoas, principalmente pessoas próximas. Porque é difícil eu... eu trabalhar com minha família, por exemplo eu trabalhando dentro de casa, conviver, marido e mulher já é difícil de conviver e mesmo que seja pessoas conhecidas é muito complicado se viver com pessoas... E esse grupo tá me trazendo aí uma forma de... euto até me acalmando. Oh, deixa assim mesmo, tá... tá bom, tá todo mundo vivendo, tá todo mundo trabalhando, um bora viver. Porque pelo menos abriu mais a minha mente, nisso eu tenho certeza! Que abriu 'muuiito' a minha mente.

C.Já causou uma transformação na minha vida, o povo olha com outros olhos, ando mais alegre e mais bonita. Tô numa fama, me sentindo.

D.Mudou sim. A gente aprende a trabalhar de forma solidária, e também porque eu me aproximei mais das pessoas. E também por que mudou as condições de trabalho.

3Quais os pontos positivos do grupo até agora, em sua opinião

A.Que a gente tá aprendendo né E conhecendo pessoas que a gente conhecia tipo assim, mas não tinha muita proximidade.

B.Eu acho que um dos pontos positivos do grupo é ter encarado. É que, é como Sônia falou outro dia que aquilo ali é um sonho dela, que ela sonhava ter alguma coisa dela...Eu acho que a maioria ali tinha esse sonho, só nunca deixou transparecer como ela deixou, mas creio que todo mundo ali tinha vontade de ter uma coisa própria. Aqui é meu trabalho, é meu restaurante, essa aqui é a minha cantina. Eu não vou quebrar, eu não vou derrubar, mas aqui é meu trabalho, isso aqui é fruto MEU! Acho que nisso todo mundo ali tem. Eu vou chamar de sonho realizado.

A. Percebo algo de bom, que estamos indo no caminho certo. Ser solidário é se doar.

D.Ser solidário, tem respeito, mesmo que cada um tem seu jeito diferente.

4Quais os pontos negativos do grupo até agora, em sua opinião

A.O ponto negativo é que a gente não tá sabendo ainda lidar entre a gente mesmo não tá sabendo ainda... A relação de trabalho de compreensão de um todo de um geral. Por que uma parte tá tendo um entrosamento, mas tem outra parte que não está tendo. Cada um é unido no seu turno tipo como se tivesse turno que quisesse fazer do jeito que quer. Tipo assim: meu turno é o da tarde então vou fazer de acordo com meu grupo da tarde e não com o geral. Não pensa nos outros turnos.

B.É que tem gente ali que acha que é patrão. Pra mim é.

C.Falsidade, povo encostado no outro.

D.Alguns não respeitam o horário do colega e não compreende o outro.

5Como vocês, enquanto grupo autogestionário têm decidido sobre o modo de realizar o trabalho

A. Vejo muito fraco e com dificuldade para tomar decisão, falta entrosamento.

- B. É por reunião mesmo, a gente reúne: ‘Oh gente, a gente acha que tá bom assim, o que é que vocês acham Eu prefiro assim, vocês concordam’. E a gente decide no grupo.
- C.Com a gente mesmo. A gente pede orientação a incubadora, mas decisões em termo de trabalhar somos nós.
- D. Decidimos em reunião, de acordo com a opinião da maioria.

60 que você entende por autogestão

- A. Ser verdadeiro. Tomar decisões que possam melhorar o grupo e que possa vencer, expor opiniões e ter coragem de falar.
- B. Até agora nada. Eu não sabia nada, nem o que significava a palavra. Aí tive dando umas crafuchadinhas, não sei se é bem isso né Pra saber que é, é... autogestão é como se eu fosse, como é que eu explico Jesus Administrar! É eu administrando meu próprio negócio, não é isso Eu entendo acho que dessa forma.
- C.Em termo que eu já disse em termo entender que... Não ter o patrão e não ter empregado. Você trabalhar e você mesmo tomar suas decisões, você ver qual o horário vai trabalhar, você ter autonomia de escolher que horário que quer pra você poder tá lá no trabalho. Horário de entrar, horário de sair. Acho que é só isso.
- D.É trabalhar coletivamente.

Essas respostas demonstram que as componentes do grupo buscam compreender a autogestão, aproximando-se do que nos diz Souza (2011, p. 67) que autogestão é “[...] como a propriedade coletiva dos meios de produção e sua administração democrática, com a participação por igual de todos os que trabalham no empreendimento, cada pessoa tendo direito a um voto na tomada de decisões”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a incubação analisada nesta pesquisa ainda esteja no início, não só por estar no primeiro ano de funcionamento, mas também porque ocorreram paralisações de atividades na Instituição, propostas às vezes por estudantes e outras por professores ou técnicos, é possível perceber – por meio das reuniões realizadas e após analisar as respostas dadas às entrevistas realizadas com as mulheres da Sabores do Quilombo – o quanto o processo de incubação esta dando bom resultado para o grupo de mulheres que fazem parte deste estudo, as quais, por meio da economia popular e solidária estão ligadas à construção de uma sociedade mais democrática e justa, agindo como seres conscientes, livres e socialmente inseridos em dinâmicas de vida.

O bom resultado com o processo de incubação deste estudo é perceptível, também, por meio da satisfação da comunidade universitária com o funcionamento da cantina (em outro artigo poderemos apresentar questionário aplicado à clientela), principalmente pelo trabalho diferenciado, inclusive por serem oferecidos produtos típicos da região, preparados no próprio espaço. Compreende-se, ainda, que a incubadora atua como agente de desenvolvimento local, uma vez que, conforme diz Dowbor (2006, p. 1) nesse processo de incubação fica visível “A idéia da educação para o desenvolvimento local está diretamente vinculada a esta compreensão, e à necessidade de se formar pessoas que amanhã possam participar de forma ativa das iniciativas capazes de transformar o seu entorno, de gerar dinâmicas construtivas”.

Assim, a incubação mobiliza o grupo de mulheres em estudo a buscar a transformação da economia ao criarem oportunidade de trabalho e renda, ao se articularem a outras iniciativas em rede. Pode-se concluir que a satisfação da clientela demonstra, não só às mulheres responsáveis pela cantina, mas também à equipe da Incubadora e à administração da UEFS, o êxito do processo e que é viável a aplicação, em outras cantinas, do mesmo tipo de serviço, ou seja, que o funcionamento seja por meio da Economia Popular e Solidária. E, particularmente à equipe responsável pela incubação que algumas dessas mulheres, assim como as que atuaram na Cantina do Módulo VII, em breve estarão preparadas para atuarem em outros espaços no mercado de Feira de Santana.

COSTA, Francisco X. P. da; OLIVEIRA, Iolanda C. de; MELO NETO, José F. de. **Incubação de empreendimento**

solidário popular: fragmentos teóricos. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2006 – Capítulo Autogestão

DOWBOR, Ladislau. Educação e desenvolvimento. Disponível em: . Acesso em: 23 mar. 2011.

MENDONÇA, Livia de Carvalho. **Escrevendo escrita de remanescentes quilombolas no domínio escolar e na vida cotidiana: uma abordagem dialógica**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, PUC-RS, 2014.

MESSIAS, Ana Regina; LIMA, José Raimundo Oliveira. A mulher na economia popular e solidária: ponderações a partir de uma experiência de incubação. **ARGUMENTOS**: Revista do Departamento de Ciências Sociais da Unimontes. Montes Claros-MG, v.11, p.124-140, 2015.

MUTIM, Avelar Luiz Bastos. **Revista da FAEEBA** – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v.16, n.28, p.113-119, jul./dez., 2007

NUNES, Eduardo José Fernandes; SANTOS, Marcos César Guimarães dos; BARRETO, Maria Raidalva Nery. O observatório de educação de jovens e adultos e a educação popular no território do sisal – Bahia. **Revista da FAEEBA** – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v.24, n.43, p.183-197, jan./jun. 2015.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Economia Solidária – Entrevista com Paul Singer. **ESTUDOS AVANÇADOS**, v.22, n.62, 2008. Disponível em: . Acesso em: 14 abr. 2017.

SANTOS, Boaventura Sousa. Um mapa de alternativas de produção. In: **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. (Reinventar a emancipação social: para novos manifestos; 2). (p. 32-57)

SINGER, Paul. **Globalização e desemprego**: diagnóstico e alternativas. São Paulo: Contexto, 2000.

SOUZA, J.C.M. Economia solidária e desenvolvimento. **Economia sustentável**. Salvador: SETRE, 2011.